

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE JORNALISMO**

ARTHUR MIGUEL DUARTE MARTINS
CÁSSIO FERNANDO DE LIMA
MARCUS VINICIUS FERREIRA PURCINO
RODOLFO FERREIRA DA COSTA E SILVA
VINICIUS ANDRÉ SANTOS RODRIGUES

Mídia Resenha: Fahrenheit 451

UBERLÂNDIA
2023

ARTHUR MIGUEL DUARTE MARTINS
CÁSSIO FERNANDO DE LIMA
MARCUS VINICIUS FERREIRA PURCINO
RODOLFO FERREIRA DA COSTA E SILVA
VINICIUS ANDRÉ SANTOS RODRIGUES

Mídia Resenha: Fahrenheit 451

Mídia Resenha para aprovação parcial na disciplina Tecnologias em Comunicação e Educação, sob orientação da docente Dra. Aléxia Pádua Franco. Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

UBERLÂNDIA

2023

RESUMO

Fahrenheit é uma obra de ficção científica publicada pelo escritor norte-americano Ray Douglas Bradbury em 1953. As reflexões contidas em sua história não são nem um pouco datadas. É uma história pensada em um momento que o escritor pensava acontecer 30 ou 40 anos depois de sua publicação, onde acreditava que se o público continuasse em seu consumo desenfreado por mídias em geral perderia seu senso crítico e reflexivo. Pensando nisso construímos essa mídia resenha para criar uma conversa entre o conteúdo que a obra nos transmite ao mesmo tempo que analisamos a obra segundo conceitos de autores como Maria Lucia Santaella Braga entre outros. Aqui descrevemos de forma imersiva tudo que a obra tem a nos contar, sendo um prato cheio para qualquer leitor hipermidiático.

O formato midiático que escolhemos foi a criação de um vídeo com fotos e partes dos filmes com um conceito melódico ao fundo e uma página no instagram para uma maior interatividade do público.

ABSTRACT

Fahrenheit is a science fiction work published by the American writer Ray Douglas Bradbury in 1953. The contents contained in its story are not dated at all. It is a story thought of at a time that the writer thought had happened 30 or 40 years after its publication, when he believed that if the public continued its unbridled consumption of media in general, it would lose its critical and reflective sense. With that in mind, we built this media review to create a conversation between the content that the work conveys to us while analyzing the work according to concepts by authors such as Maria Lucia Santaella Braga, among others. Here we describe in an immersive way everything the work has to tell us, being a full plate for any hypermedia reader.

The media format we chose was the creation of a video with photos and parts of the films with a melodic concept in the background and an instagram page for greater audience interactivity.

FAHRENHEIT 451

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel fogo e queima do livro pega fogo e queima**. 2º Edição, São Paulo: Editora Globo, 2012.

De início, vamos colocar aqui um vídeo que montamos para que nossos leitores entrem no ritmo que preparamos para essa resenha onde também vai entender a linha de reflexão que pensamos em seguir.

[\(1\) Trailer Fahrenheit 451 - Mídia resenha - YouTube](#)

<https://heylink.me/Tccefahrenheit/> Árvore de links para os filmes

Para contar a grandiosa história que é o romance Fahrenheit 451 precisamos também saber de seu criador Ray Douglas Bradbury norte-americano autor da obra. Segundo informações retiradas pelo [wikipédia](#) Bradbury nasceu em 23 de agosto de 1920, em Waukegan, Illinois, filho de Esther (née Moberg) Bradbury (1888-1966), um imigrante sueco, e Leonard Spaulding Bradbury (1890-1957), um poderoso e telefonista de ascendência inglesa. Ele recebeu o nome do meio "Douglas" em homenagem ao ator Douglas Fairbanks. Bradbury foi cercado por uma família extensa durante sua infância e anos de formação em Waukegan. Uma tia leu-lhe contos quando ele era criança. Este período forneceu bases para o autor e suas histórias. Nas obras de ficção de Bradbury, na década de 1920, Waukegan se torna "Green Town", em Illinois.

Bradbury frequentou a Los Angeles High School e era ativo no clube de teatro. Ele muitas vezes patinava em Hollywood na esperança de conhecer celebridades. Entre as pessoas criativas e talentosas que Bradbury conheceu estavam o pioneiro dos efeitos especiais Ray Harryhausen e a estrela de rádio George Burns. O primeiro salário de Bradbury como escritor, aos 14 anos, foi por uma piada que ele vendeu a George Burns para usar no programa de rádio Burns and Allen. Ao longo de sua juventude, Bradbury era um ávido leitor e escritor e sabia em tenra idade que ele estava "indo para uma das artes". Bradbury começou a escrever suas próprias histórias aos 12 anos (1931) - às vezes escrevendo em papel de açougueiro.

Quando adolescente em Beverly Hills, frequentemente visitava seu mentor e amigo escritor de ficção científica Bob Olson, compartilhando ideias e mantendo contato. Em 1936, em uma livraria de segunda mão em Hollywood, Bradbury descobriu um folheto promovendo reuniões da Sociedade de Ficção Científica de Los Angeles. Animado ao descobrir que outros compartilham seu interesse, Bradbury se juntou a um conclave semanal de quinta-feira à noite aos 16 anos.

Bradbury citou H. G. Wells e Júlio Verne como suas principais influências de ficção científica. Bradbury se identificou com Verne, dizendo: "Ele acredita que o ser humano está em uma situação estranha em um mundo muito estranho, e ele acredita que podemos triunfar se comportar se moralmente". Bradbury admitiu que parou de ler livros de ficção científica em seus 20 anos e abraçou um amplo campo de literatura que incluía os poetas Alexander Pope e John Donne. Na idade adulta jovem, Bradbury leu histórias publicadas na *Astounding Science Fiction* e leu tudo de Robert A. Heinlein, Arthur C. Clarke e os primeiros escritos de Theodore Sturgeon e A. E. van Vogt.

Na Biblioteca Powell da UCLA, em uma sala de estudo com máquinas de escrever para alugar, Bradbury escreveu sua história clássica de um futuro de queima de livros, *The Fireman*, que tinha cerca de 25.000 palavras. Mais tarde, foi publicado com cerca de 50.000 palavras sob o nome *Fahrenheit 451*, por um custo total de US \$9,80, devido às taxas de aluguel de máquinas de escrever da biblioteca de dez centavos por meia hora.

Fahrenheit 451 foi escrito no início dos anos 50 onde o mundo todo passava por conviver com as consequências pós segundo guerra mundial que estabeleceu um momento bipolar na geopolítica mundial, com disputa entre o sistema capitalista norte americano e o socialista soviético. O livro foi lançado nos Estados Unidos no auge da guerra fria que ocorreu entre 1950 e 1962 logo a guerra ideológica era muito presente até nas escrituras e a censura rondava a política da época. Foi uma época de grande evolução tecnológica onde a indústria cultural ganhou ainda mais com a forte crescente do uso da tv no mundo. O livro é uma crítica ao que Bradbury viu como uma crescente e disfuncional sociedade americana que vivia alienada e longe do mundo real, problemática que recorrentemente é colocada em sua obra.

O romance é, frequentemente, interpretado como sendo uma crítica à censura patrocinada pelo Estado, mas Bradbury contesta essa interpretação. Ele disse em 2007, em

uma entrevista, que o livro explora os efeitos da televisão e da mídia em massa na aprendizagem da literatura e na prática da leitura.

“Bradbury ainda tem muito a dizer, especialmente sobre como as pessoas ainda não entendem sua mais famosa obra, Fahrenheit 451, publicada em 1953. (...) Bradbury, um homem que vive no centro criativo e industrial da realidade na TV e de 'dramas de uma hora', diz que, de fato, a história é sobre como a televisão destrói o interesse em ler livros.”

SÍNTESE DA HISTÓRIA DO LIVRO

Em linhas gerais o livro conta sobre Guy Montag que é um bombeiro em um futuro dentro de umas 3 a 4 décadas da época que foi escrita originalmente, onde existe uma ditadura no governo. Nesse futuro os bombeiros não servem mais para a utilidade de apagar fogo pelo fato de que as casas são agora a prova dele, então é designada a função de queimar livros. Em um momento que a população não mais se importa com a leitura e a reflexão contida neles e sim na automação de suas ações. O título é uma referência a temperatura exata para que se consiga queimar papéis, 451 Fahrenheit que equivale a 233 graus celsius.

O livro é dividido em 3 partes:

A lareira e a salamandra

Iniciando a história nos apresentado o protagonista que vive sua vida normal e rotineira como sempre, normalmente as notificações de para que os bombeiros fossem queimar os livros que os chefes de estados encontravam com cidadão ocorriam durante a noite. Demonstra como são feitas, queimar até que as cinzas virem cinzas. Certo momento voltando do trabalho, Guy Montag conhece Clarisse McClellan, uma menina que se diz ter 17 anos e é maluca dizendo que o próprio tio diz para que ela diga isso. Ao decorrer de suas relações ela traz diversos questionamentos ao protagonista, ela era vizinha dele. Ao conhecê-la descobrimos que a idade de Guy e quanto tempo ele trabalha que é 30 anos e 10 anos respectivamente, ele entrou para o trabalho com 20 anos

Aqui ela é o recurso indispensável para que se tenha uma ruptura com os costumes e o modo de viver mecanizado, tem um momento que Clarice pergunta se Guy percebe como as pessoas até ao dirigir não conseguem ver as cores em volta, vendo um borrão verde e

pensando que é a grama, um borão rosa e sabendo que é um jardim. Importante destacar o ambiente que essa sociedade vive, em que tudo é controlado e a única forma de entretenimento vem de televisores que exibem programas fúteis e sem nenhum tipo de conteúdo real, onde o público é convidado a participar. Uma dessas telespectadoras é Mildred, esposa de Montag. Ela é uma que já se entregou a esse modo de vida, estando em um estado de conforto onde não contesta nem faz nada além do que se espera de alguém que vive nesse meio, quase não tira os fones do ouvido ou sai das telas, querendo até comprar mais delas cobrando seu marido em diversos momentos sobre a compra da mesma.

Em um dia de queima comum Montag vai para sua queima rotineira se encontra numa casa diferente das outras vezes tinha uma mulher em meio aos livros. Normalmente a polícia se encarrega de tirar os "leitores revolucionários" de suas casas, o que não ocorreu aqui. A mulher se ofereceu para ser queimada junto aos livros, o que ocorreu já que os bombeiros já tinham espalhado querosene e ela mesma com um fósforo ateou fogo nos livros e em si. A partir daqui o protagonista começa a se questionar o que de tão forte tinham esses livros para que alguém escolha morrer por ele. Em um outro momento Montag lê o trecho de um e acaba por pegar o livro para si, fazendo isso outras vezes mas, o Capitão Beatty seu chefe começa a desconfiar e como um bom intelectual ele também leu alguns e passa a usar essa sabedoria para forças de forma ideológica Guy a abandonar a ideia que mesmo fraca sondava em sua cabeça, a de revolução.

A peneira e a areia (segunda parte)

Em um certo momento Montag passa a sentir falta de Clarisse em suas voltas para casa e então pergunta a sua esposa se sabe o que havia acontecido com ela. Mildred então disse que aparentemente a família se mudou e que a mesma tinha morrido, e a mesma esqueceu de dizer a montagem, que se enfurece e pergunta como poderia esquecer de dizer tal coisa. Com a perda, Guy lembra de um professor, o Sr. Farber, que tinha conhecido uns anos atrás ao qual tinha conversado e tirado algumas dúvidas, o mesmo passou seu endereço dizendo que poderia ir visitá-lo tanto como amigo como inimigo, para encontrar seus livros e queimá-los, o bombeiro com suas ideias confusas na cabeça foi como um amigo procurando respostas onde os mesmo as dá e alimenta suas ideias revolucionárias que seria a de queimar o corpo de bombeiros com livros ali dentro.

Sendo assim com suas ideias na cabeça o mesmo vai para casa onde sua esposa estava em uma reunião com amigas tendo as conversas mais superficiais possíveis, tratando a guerra como algo insignificante e a provável perda de seus maridos mero acontecimento se ocorresse. Montag se enfurece e leu um poema de um livro que tinha o incendiando logo em seguida. Uma das amigas chorou com o texto e a outra achou a atitude do protagonista horrenda, um dos motivos dos livros serem abolidos é pelo motivo que os mesmo traziam tristeza para o ambiente e o estigma que era voltado no censo político era de que não se podia haver tristeza na sociedade que tinha uma forma de se manter sempre feliz. Guy se enfurece e coloca as amigas para fora de sua casa.

No dia seguinte, vai ao trabalho, disposto a colocar suas ideias em prática. Lá é confrontado por seu superior. Logo em seguida os bombeiros receberam uma denúncia anônima e vão até a próxima casa que será queimada. Para surpresa de Montag, o endereço era de sua residência.

O brilho incendiário (terceira e última parte)

Chegando em sua casa vem em sua cabeça que poderia ter sido sua esposa Mildred a fazer a denúncia, dúvida que logo se confirmou com ela pegando um táxi e indo embora que o mesmo conseguisse perguntar o motivo. Beatty ordenou que Montag aplicasse todo o fogo sozinho em sua casa para que logo em seguida fosse preso, o bombeiro com muita coisa na cabeça obedece às ordens. Enquanto o fazia seu capitão viu um aparelho que o protagonista usava para se comunicar com Faber e o arrancou de seu ouvido, logo em um momento de fúria então Guy taca fogo em Beatty então o matando e colocando fogo em outros dois bombeiros que viam a cena boquiabertos. Lutou bravamente com o Sabujo Mecânico, parte do veneno foi aplicado em umas de suas pernas até que conseguiu atingir o robô com as chamas.

O governo começou uma busca para encontrar Montag, outro Sabujo foi enviado na caçada. Faber passou todas as instruções para a fuga do amigo, em breve ele também sairia da cidade, criou coragem para se encontrar com um bombeiro aposentado em St. Louis. Montag partiu correndo, tentando despistar seu cheiro para não atrair o robô farejador. Quando chegou ao rio, encontrou andarilhos. Homens que viviam para manter a memória dos livros viva. Cada livro é um homem, cada homem é um livro. Os andarilhos decoravam as obras, quando os livros faziam parte deles, eles queimavam todas as páginas para não correrem o risco de serem pegos. Granger era um desses homens, acolheu e ajudou Montag. Continuaram

caminhando pelos trilhos próximos ao rio. A guerra se aproximava. Uma guerra que ninguém percebia. Uma cidade totalmente alienada, não enxergava nada além do que era falado nas televisões.

Montag viu a guerra chegando, começando e terminando em minutos. Uma cidade dizimada. Ele tentou gritar para Clarice, para Faber e para Mildred, gritou "corram". Então lembrou que Clarisse não estava mais lá, estava morta. Faber também não estava mais na cidade, estava em St. Louis. Só Mildred estava na cidade, mas ela só escutava sua família fictícia. Família essa que vinha da ficção dos televisores que de tão imersa naquele mundo ela achava que era real. Ainda no primeiro capítulo mostra que Montag não conseguia dormir ouvindo tio pra lá, tia pra cá, e outros familiares para lá.

Depois que a guerra acabou, Montag se levantou, lembrou do livro que tinha lido e falou aos seus novos amigos. Montag agora era *Eclesiastes*, e seria todos os próximos livros que leria.

Ray publicou essa obra em um momento de pós-guerra onde muitas produções colocavam Hitler como vilão, aqui não foi tão diferente. Não existe um vilão definido na obra, somente personagens que agem conforme a música fechados no que tange tentar mudar. Beatty serve como um personagem para manter a ordem e ele utiliza muito bem as palavras como o antigo líder nazista o fazia, com seus discursos em geral.

ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO RESENHADO

“Fahrenheit 451 é a temperatura em que o papel dos livros incendeia e começa a queimar.”
Montag, Fahrenheit 451

Até que ponto um livro pode influenciar diretamente a realidade cotidiana, será que estamos sob a influência do que está escrito nas publicações? Nossas atitudes, das mais corriqueiras até as de extrema complexidade estão submetidas de alguma forma às influências do mundo imaginário dos livros? Questionamentos estes que inspiram quando deparamos com a obra de Ray Bradbury em *“Fahrenheit 451”*. A história de Montag, um professor da escola de bombeiros envolvido em crises existenciais, com um passado familiar traumático por uma suposta morte do pai, que era obcecado por livros em uma região dos Estados Unidos, naquela parte da América onde ter livros poderia ser crime, pois era o ingrediente

responsável na elaboração de uma alienação coletiva. Portanto, os livros eram queimados e caso houvesse resistência, o proprietário dos mesmos poderia ser queimado junto.

O Montag herdou do pai a obsessão por livros. A obra apresenta essencialmente dois tipos de leitores, o contemplativo, quando o professor da escola de bombeiros tem um relação física com as publicações, devido passar madrugada adentro lendo-os, imaginando as realidades descritas e fazendo incontáveis conjecturas com a realidade cotidiana, inclusive com o “cansaço” provocado na lida diária da carreira militar. Primo (2008) demonstra essa relação existente entre a produção imaterial e o cotidiano, uma vez que as ideias, imagens, conhecimentos, comunicação, cooperação e relações afetivas do ser humano tendem a criar não os meios da vida social, mas a própria vida social. É inevitável que os livros influenciem a vida cotidiana, em menor ou maior grau. O fascínio da produção imaterial com sua capacidade de difusão imagética sobre o leitor produz reações subjetivas e objetivas, em relação à vida social a que está submetido. Em “*Fahrenheit 451*” ocorre a elaboração de duas realidades, a do mundo dos livros decorrente da relação quase visceral de Montag com as obras - em contraponto - a realidade cotidiana e suas frustrações naturais: o desgaste no casamento, o cansaço de anos da profissão de bombeiros, as crises existências sobre a tarefa de ser feliz, sem desconsiderar as crises psicossomáticas.

[...] Nas últimas noites experimentara as sensações mais incertas ali na calçada, ao dobrar a esquina, andando à luz das estrelas a caminho de casa. Uma impressão de que, um momento antes de fazer a volta, houvesse alguém ali. O ar parecia carregado de uma calma especial, como se alguém o esperasse, quieto e, um segundo antes de dobrar a esquina, simplesmente se convertesse em sombra e fosse por ele atravessado. Talvez seu nariz tivesse detectado um frágil perfume, talvez a pele do dorso de suas mãos, ou a de seu rosto, se aquecesse nesse exato local em que uma pessoa parada poderia, por um instante, elevar em dez graus a temperatura circundante. Não havia como compreender aquilo. [...] olhando para ele com admiração e curiosidade. — Você é feliz? — perguntou. — Eu sou o quê? — gritou ele. Mas ela se fora — correndo sob o luar. A porta da casa fechou-se suavemente. (BRADBURY, 2012, p.16).

A realidade despótica proposta por Bradbury (2012) traz no enredo a crítica sobre o controle da informação, nos Estados Unidos da década de 50, ambientação da escrita de “*Fahrenheit 451*”. Nas linhas do livro os bombeiros não apagam as chamas, ao contrário, ateiam fogo a quem detinha em casa algum tipo de titulação, boa parte das chamas dependia da denúncia anônima, alguém que, por alguma razão acabava por delatar vizinhos em posse de exemplares domésticos. O controle da informação se dava por uma causa nobre, impedir alienações, que eram provocadas mediante a leitura de livros, que trazia em graus diversos tristeza e incompatibilidade com a vida cotidiana, em último grau, crises psicóticas. Montag

representa essa distopia entre as realidades dos livros e a da vida cotidiana. A televisão em fase de expansão, no contexto da obra, não deixou de influenciar também. A esposa de Montag vivia defronte ao aparelho, assistindo programas que a "arremessa" para dentro do dispositivo fixado na sala da casa do bombeiro, sentindo parte integrante dos episódios, a alienação consumia as horas do dia e parte das noites. A fim de aliviar o tédio, a Mildred consumia remédios que também eram divididos com Montag, certa vez passou mal, por ingerir elevada quantidade de pílulas.

Uma possível saída apontada por Bradbury (2012) seria a criação da comunidade das minorias, em que o sujeito absorvia o livro no seu inconsciente, para sempre - e passaria a viver em uma comunidade livre, fruto da soma dos renegados socialmente. A distopia chama atenção para o lugar de grupos marginalizados na sociedade, isso na metade do século passado norte americano. A queima dos livros e a comunidade dos "desviantes" representam tentativas de controle social, aqueles que não se encaixam precisam fugir. Não obstante, o autor descreve traços de um governo totalitário, apesar do futuro incerto, algum tipo de "guerra" está na iminência de "explodir". A proibição dos livros e/ou de certos tipos de leitura descrevem os esforços impeditivos diante de uma possível rebelião em massa.

O controle da informação também aponta para a interface entre o livro físico e o audiovisual dos aparelhos de televisão, esses últimos instalados nas residências e em praças ao ar livre - uma espécie de "guardiões dos saberes". O personagem principal de "*Fahrenheit 451*", o bombeiro Guy Montag tem uma árdua tarefa: a função de coordenar as ações de queima dos livros e/ou de tudo aquilo que diga respeito à leitura. Todavia, ao conhecer Clarisse McClellan, de apenas dezesseis anos, algo começa a mudar no "bombeiro incendiário". A carreira, a infelicidade no casamento com a esposa Mildred, a normativa de atear fogo em livros e até mesmo a morte de uma mulher idosa misturada aos exemplares da biblioteca particular, por recusa de abandoná-los fazem o mundo de Montag "girar", porque não, mudar de rumos.

Montag sentiu seu próprio sorriso escorregar, derreter-se, dobrar-se sobre si mesmo como uma película oleosa, como a substância de uma vela fantástica que estivesse queimando durante muito tempo e agora desmoronasse e se apagasse. Escuridão. Não estava feliz. Não estava feliz. Disse as palavras a si mesmo. Admitiu que este era o verdadeiro estado das coisas. Usava sua felicidade como uma máscara e a garota fugiu com ela pelo gramado e não havia como ir bater à sua porta para pedi-la de volta. (BRADBURY, 2012, p.21).

Montag exerce uma leitura contemplativa dos livros, alguns deles estão escondidos na sua residência, atitude que conta com a ajuda da esposa Mildred. Quando chega a madrugada, lá está o bombeiro incomodado com a profissão, descontente com o controle de autoridade e com repressão aos cidadãos. De certa forma, a leitura nas horas avançadas da noite funciona como “refrigério”, um escape da realidade incendiária imposta sobre o militar. A busca da felicidade se inicia nos contatos físicos com os livros impressos e nas imagens estáticas ou abstratas que surgem durante a contemplação. Alguns espaços da casa oferecem a durabilidade necessária para a aventura: o sótão, a sala, o quarto, o travesseiro e uma cova no quintal, debaixo de uma árvore - uma espécie de biblioteca improvisada. A procura por livros noite adentro não deixa de ser uma medida de segurança - é um momento separado das atividades cotidianas de Montag, a parte das tarefas de bombeiro, ou de qualquer tipo de divertimento. O silêncio impera na leitura lenta e linear. A atenção localizada nos livros fazia Montag criar a sua própria comunidade, livre de regras e imposições, em que cada um era cada um. A abstração contrastava com a dura realidade diária, em que pessoas e livros morriam por não conseguirem se separar. O militar acabava contextualizando as duas realidades, porque não dizer: um pensamento lógico, analítico e sequencial.

[Corpo de Bombeiros] Montag desceu deslizando pelo poste metálico. Saiu para olhar a cidade e o céu agora sem nuvens. Acendeu um cigarro e foi para os fundos, onde se inclinou para olhar o Sabujo [cachorro metálico]. Era como uma grande abelha que volta de algum campo onde o mel está cheio do veneno do descontrole, da loucura e do pesadelo, o corpo abarrotado daquele néctar opulento e agora adormecido para eliminar o mal de dentro de si. — Olá — sussurrou Montag, como sempre fascinado pela fera ao mesmo tempo morta e viva. (BRADBURY, 2012, p.29).

As madrugadas de Montag divergem do céu sem nuvens. O mel doce é trocado por venenos. A realidade dos livros é viva, porém, o cotidiano imprime loucura e pesadelo. Talvez por isso, a escolha por leituras noturnas, fora da urgência diária e daqueles outdoors expostos nas vias públicas sem tempo de contemplá-los. No encontro inesquecível com Clarisse McClellan, a garota já havia tecido a crítica a este leitor movente, afirmando que foi necessário aumentar o tamanho das placas publicitárias e das letras ali expostas, pois nem de carro e nem a pé era possível absorver as informações. A atmosfera das imagens, sons e textos dependentes do mundo urbano retira Montag do silêncio da madrugada. A multidão sufocava a contemplação noturna, realidade muitas vezes sobreposta ao militar, sem a liberdade de escolha. Para o personagem principal tudo se torna fugaz, efêmero, transitório e fragmentado - sem tempo para criar uma comunidade de refúgio, livre de imposições normativas, advinda da desejada realidade dos livros. O fato das informações se moverem sobre o bombeiro, o

impedia de criar a sua própria dimensão imagética, além de acelerar a leitura e diminuir a capacidade de absorção. Assim, a escolha por outra realidade acaba prejudicada, por conta das intensidades desiguais daquilo que se move sobre o militar. Na prática, impede a ruptura com o cotidiano que se nega, pois tudo está associado, sintético e intuitivo.

[Clarisse McClellan] — Eu raramente assisto aos “telões”, nem vou a corridas ou parques de diversão. Acho que é por isso que tenho tempo de sobra para ideias malucas. Já viu os cartazes de sessenta metros no campo, fora da cidade? Sabia que antigamente os outdoors tinham apenas seis metros de comprimento? Mas os carros começaram a passar tão depressa por eles que tiveram de espichar os anúncios para que pudessem ser lidos. (BRADBURY, 2012, p.19).

A obra não deixa de fazer a crítica àquilo que está imposto. A proibição dos livros não impediu a circulação de informações, que foi substituída por um processo de controle dependente dos televisores, ora instalados nas residências e/ou em praças e lugares públicos. O questionamento não se instala necessariamente sobre a existência ou não da alienação, mas sobre o critério utilizado para distinguir o que de fato os livros provocam, ou até mesmo, se a sociedade dita moderna concede pluralidade aos cidadãos, abarcando as minorias - e se esses exercem a tão desejada liberdade de escolha. Os Estados Unidos da década de 50 de Bradbury (2012) vivia o fascínio da televisão, os programas de auditório submersos à editoria do entretenimento. A programação consumia a capacidade de socialização da esposa de Montag. Mildred se colocava como parte atuante dos programas, como se estivesse dentro da tela ou no auditório, mesmo com algum livro doméstico nas mãos.

— Mildred!

O rosto dela era como uma ilha coberta de neve na qual talvez chovesse, mas que não sentia nenhuma chuva; uma ilha sobre a qual nuvens poderiam passar suas sombras, o que não seria percebido absolutamente. Havia somente o canto das pequenas vespas enfiadas em suas orelhas, os olhos estavam vítreos e o hálito entrava e saía, leve, frágil, para dentro e para fora de suas narinas sem que ela se preocupasse se entrava ou saía, se saía ou entrava. (BRADBURY, 2012, p.22).

A realidade era dura para Montag. O dia de trabalho no quartel marcado por incendiar livros, somado à crise no relacionamento com Mildred parecia uma montanha de emoções agitando o imaginário do bombeiro. Os livros não eram apenas uma distração, eles sugam o militar para uma realidade desejável, livre e de total exercício de escolha – nela, Montag poderia descrever outro relacionamento, abraçar sem medo a publicação que quisesse, além de não atear fogo em pessoas ou exemplares que encontrasse pela frente. O caminho direcionado por Bradbury (2012) tornou inevitável a fuga, os capítulos avançam na medida

em que a incompatibilidade aumenta. O destino de Montag se distanciava gradativamente da carreira de bombeiro militar, assim como, do relacionamento com Mildred – um casal estéril que decidiu não ter filhos.

[Mildred] Ela sondou embaixo do queixo dele e franziu o cenho.

— E então? — perguntou ele.

— Que pena — disse ela. — Você não está apaixonado por ninguém.

— Estou sim!

— Não parece. [...]

[Clarisse McClellan] Diariamente, Clarisse o acompanhava até a esquina. Num dia estava chovendo, no seguinte estava claro, um dia depois o vento soprava forte e, no dia depois desse, o vento era moderado e calmo, e no dia depois dessa calmaria, o tempo era como a fornalha do verão e Clarisse tinha o rosto todo bronzeado ao final da tarde.

— Por que sinto que a conheço há muitos anos? — disse ele, certa vez, à entrada do metrô.

— Porque eu gosto de você — respondeu ela — e não quero nada de você. [...]

[Montag e os livros] Os livros bombardeavam seus ombros, braços, o rosto voltado para cima. Um livro pousou quase obediente, como uma pomba branca, em suas mãos, as asas trêmulas. À luz mortiça, oscilante, uma página pendeu aberta e era como uma pluma de neve, as palavras nela pintadas delicadamente. Em meio à correria e à fúria, Montag teve tempo apenas para ler uma linha, mas esta brilhou em sua mente durante o minuto seguinte, como se marcada a ferro em brasa. “O tempo adormeceu ao sol da tarde.” Soltou o livro. Imediatamente, outro caiu em seus braços. [...] Montag tornou a deitar-se de costas na cama. Enfiou a mão sob o travesseiro. O livro escondido ainda estava ali. (BRADBURY, 2012, p.28).

As utopias por uma sociedade mais igualitária existem, a geografia de todos e para todos. Santaella (2013) ao explicar o fenômeno estabelece uma conexão entre o exercício dialético que detectam as oscilações entre o bem e o mal frente ao escorregar triunfante e sorridente e até mesmo leviano dos discursos triunfantes - daqueles que pretendem manter a normatividade, em nome da liberdade. Afirma que quaisquer promessas de salvacionismo não cabem ao humano constitutivamente habitado, que é por forças contraditórias, paradoxais, que nenhuma tecnologia, por mais avançada, poderá aplacar.

Sim, estamos atravessando um salto transformador de dimensões antropológicas. Que a inteligência humana esteja crescendo a olhos vistos é fato consumado. Mas, conforme cresce, mais se intensificam as forças sempre misturadas, para mais ou para menos, das bestas e dos anjos que residem nos arcanos indomesticáveis da natureza insólita da nossa espécie. (SANTAELLA, 2013, p.20).

O instinto por liberdade não se findará com o surgimento de uma nova tecnologia, por mais aprimorada que apareça. Na prática, a tentativa de extinção dos livros em “*Fahrenheit 451*” condicionada à elevação dos televisores residências ou em espaços públicos como aparelhos reguladores da informação, não aplacará os instintos libertinos inclusos em cada ser,

tanto em Montag como em Clarisse McClellan, ou em qualquer um que deseja viver em uma sociedade livre. Santaella (2013) argumenta que a relação tecnológica não está na submersão dos sujeitos defronte à inovação, ao contrário, o que se cria precisa ser apropriado enquanto ferramenta, meio, aparato – entretanto – cabe aos sujeitos o domínio da condução mediada por algum descobrimento.

[...] Se vamos falar de tecnologias, temos de estar nelas, e não simplesmente mirá-las com arrogância do ponto de vista aéreo de um escritório. Temos de nos inteirar não apenas dos traços mais evidentes que gritam na ponta do iceberg, mas constantemente medir a sua temperatura submersa. Esta pode estar gestando transformações que ainda não aparecem na superfície. Sobretudo, no papel de teóricos e críticos da cultura, é primordial desenvolver a capacidade de escuta. Perseguir sem descanso o que os pares estão pensando e escrevendo, concordemos ou não com eles. Afinal, a discórdia, e não a concordância é a fonte da autocrítica. [...], a saber, o descaso e ausência de reconhecimento, quase sempre provocados pela indolência intelectual, das contribuições trazidas por aqueles que vieram antes de nós aos temas de que tratamos. (SANTAELLA, 2013, p.21).

Na distopia de Bradbury (2012) o que se apresenta são questionamentos de um possível exercício da liberdade de expressão, se de fato a prática social acontece. A interface entre os livros impressos e o fascínio da expansão televisiva da década de cinquenta nos Estados Unidos - compõem a geografia. A evolução tecnológica era questionada enquanto perda de autonomia do sujeito frente à inovação, a sua capacidade criativa diante à contemplação do exemplar impresso sofria ruptura com os livros abreviados, condensados e com o surgimento dos tabloides, sem contar a televisão.

Beatty observou o desenho da fumaça expelida para o ar.
 — Imagine o quadro. O homem do século dezenove com seus cavalos cachorros, carroças, câmera lenta. Depois, no século vinte, acelere sua câmera. Livros abreviados. Condensações. Resumos. Tabloides. Tudo subordinado às gags, ao final emocionante.
 — Final emocionante — disse Mildred, anuindo com a cabeça. [...]
 — Millie! — disse ele. — Escute. Me dê um segundo, por favor? Não podemos fazer nada. Não podemos queimar esses livros. Eu quero olhar para eles, pelo menos olhar uma vez para eles. Então, se o que o capitão diz for verdade, nós os queimaremos juntos, acredite-me, nós os queimaremos juntos. Você precisa me ajudar. (BRADBURY, 2012, p.49).

Com o desenrolar dos acontecimentos, a opção de fuga deixou de ser uma possibilidade para se tornar uma sobrevivência. Após a queima dos livros e o incendiar da própria residência, com a possibilidade de morte real de Mildred, sendo que a Clarisse McClellan estava morta já alguns dias – Montag teve realmente que fugir. O destino era incerto, talvez encontrar alguma comunidade inclusiva para viver seus últimos dias. O militar decidiu deixar a vida dura para trás: seja como professor formador de bombeiros, ativista queimador de livros, esposo com relacionamento em crise e sem filhos. Montag foi vítima de

delatores que afirmaram ter exemplares domésticos escondidos em sua residência – a queima foi inevitável. Portanto, decidiu ir embora, sem endereço certo, pelo menos, sepultou a realidade cotidiana que pesava sobre ele, semelhante a uma estante de livros sobre as costas.

Manteve o passo firme por seis quadras no beco que, depois, desembocou numa via expressa ampla com as dez faixas vazias. Parecia um rio sem barcos, congelado ali à luz intensa dos elevados postes luminosos; achou que uma pessoa poderia morrer afogada ao atravessá-lo; era largo demais, aberto demais. Era um imenso palco sem cenário, convidando-o a atravessar correndo, a ser facilmente visto sob a forte iluminação, facilmente apanhado, facilmente alvejado. [...] Montag recuou para as sombras. Mais adiante havia um posto de gasolina, uma imensa cuba de porcelana branca e brilhante e dois carros prateados estacionados para abastecer. Agora ele precisava estar limpo e apresentável se desejasse andar, não correr, atravessar calmamente aquele amplo bulevar, como se estivesse passeando. Teria uma margem extra de segurança se lavasse o rosto e penteasse o cabelo antes de seguir seu caminho para chegar aonde?... (BRADBURY, 2012, p.94)

A possibilidade do livre pensamento encontrada nos livros em algum grau influenciou as decisões de Montag. Santaella (2013) escreveu que o pensamento entra pela porta da percepção e sai pela porta da ação deliberada – sem dúvida – o bombeiro desertor é uma exemplificação exata desta frase da autora, àquelas horas de leitura na madrugada adentro não foram em vão. Por mais que a televisão tenha hipnotizado a esposa Mildred com dias a fio defronte ao aparelho, fazendo-a acreditar que de fato era ingrediente indispensável aos programas de auditórios da década de cinquenta nos Estados Unidos, não conseguiu ofuscar o instinto libertino que os livros provocaram no militar. Montag alimentou os pensamentos, descobriu novas realidades por mais imaginárias que fossem. Em contraponto à realidade cotidiana, a contemplação noturna se transformou em uma maneira eficaz de agir sobre o mundo, para a busca de outra sociedade mais inclusiva, que de certa forma, já estava localizada na geografia dos desejos.

[...] Portanto, alimentar pensamentos capazes de descobrir o que a realidade, por mais nefasta que pareça, também apresenta de positivo e promissor - é uma maneira de agir no mundo de modo a contribuir para que seu lado razoável cresça e prevaleça. Embora o cinismo e a melancolia nos rondem, não é possível viver sem apostar no porvir, principalmente quando estamos cercados de jovens cuja esperança não pode ser perdida. (SANTAELLA, 2013, p.22)

A esperança de Montag estava a todo vapor. A falta de endereço prévio não o impediu de fugir. Os primeiros passos foram direcionados para a saída da cidade, em direção aos trilhos da linha férrea, ele chegou a lembrar de uma fazenda próxima à área urbana que

visitava quando era criança. A polícia também deu início aos trabalhos. Durante a fuga era possível ouvir os barulhos do helicóptero, dos cães, das sirenes, das viaturas e porque não, dos policiais. Montag saiu com a roupa do corpo e alguns exemplares domésticos nas mãos. Ora percorria o curso do rio, ora avançava sobre os arvoredos do bosque, apesar de seguir sempre na direção dos trilhos, talvez um alvo pudesse ser a parte rural de St. Louis. Não obstante, a fuga estava saindo conforme o planejado, pois encontrou ajuda pelo caminho, apontamentos de destino mais seguros, amigos como Granger.

[amigo Faber] — É melhor você tomar o rumo do rio, se puder. Siga ao longo dele e, se conseguir chegar até as velhas linhas férreas que seguem para o interior, siga por elas. Embora hoje em dia quase tudo seja transportado por via aérea e a maior parte das ferrovias esteja abandonada, os trilhos ainda estão lá, enferrujando. [...] Ouvi dizer que ainda existem acampamentos de andarilhos espalhados por todo o campo, aqui e ali. São chamados de acampamentos itinerantes e, se você continuar caminhando até bem longe e abrir o olho, dizem que há muitos bacharéis de Harvard nas trilhas daqui até Los Angeles. [...] Você poderia se esconder com eles por algum tempo e depois entrar em contato comigo em St. Louis. [...] A polícia recomenda que [...] cada pessoa em cada casa de cada rua deve abrir a porta da frente ou dos fundos ou olhar pelas janelas. O fugitivo não conseguirá escapar se todos no próximo minuto olharem de suas casas. Preparem-se. [...] Granger acenou com a cabeça na direção de uma tevê portátil ao lado da fogueira. [...] — Eles não deixaram que o rosto do sujeito ficasse em foco. Você notou? Nem seus melhores amigos seriam capazes de dizer que não era você. Eles borraram a imagem na medida certa para deixar que a imaginação trabalhasse. Granger tocou o braço de Montag. — Bem-vindo de volta da terra dos mortos. Montag fez que sim com a cabeça. Granger prosseguiu: — Talvez seja bom agora você conhecer todos nós. (BRADBURY, 2012, p.100).

Ao que parece alguém foi morto no lugar de Montag. No encontro com os habitantes dos acampamentos itinerantes, a informação partiu de um velho televisor ligado próximo a uma fogueira. Aquele que foi morto durante a perseguição policial era muito parecido com o ex-bombeiro, mesmo que a imagem da face estivesse desfocada, escondida, sem muita condição para afirmar se de fato era o militar. Aquele que queimava livros agora estava junto daqueles que absorviam inteiramente os exemplares, os tinham de forma tão apoderada que se tornavam a representação exata da obra, corporificada em si mesmos, embaixadores dos livros. A referência bibliográfica era de livre escolha, mas deveria ser a exemplificação exata da obra, no falar, no proceder e na transmissão do que estava escrito, mesmo que fosse somente por oralidades e pensamentos introspectivos.

Mas agora havia uma longa caminhada matinal até o meio-dia, e se os homens estavam calados era porque havia muito no que pensar e muito do que se lembrar.

Talvez mais tarde na manhã, quando o sol estivesse alto e os tivesse aquecido, começariam a conversar, ou apenas a dizer as coisas de que se lembravam, para se certificarem de que elas estavam lá, para terem certeza absoluta de que estavam mais seguras dentro deles. Montag sentiu o lento jorro das palavras, sua lenta vibração. E quando chegasse sua vez, o que ele diria, o que ele poderia oferecer num dia como este, para tornar a viagem um pouco mais fácil? Para tudo há uma estação. Sim. Um tempo para destruir e um tempo para construir. Sim. Um tempo para calar e um tempo para falar. Sim, tudo isso. Mas, o que mais? O que mais? Uma coisa, uma coisa... (BRADBURY, 2012, p.120).

Não se pode afirmar que a memória de Montag estava inteiramente livre da “vida ofegante” enquanto bombeiro e incendiário de livros. Também, se a “sedução” do advento da televisão nos anos da década de cinquenta não iria arrastá-lo para algum lugar audiovisual, talvez menos livre ou mais distante dos livros fixados no consciente e no inconsciente do mais novo andarilho da comunidade dos itinerantes. Bradbury (2012) não responde tal interrogação, mas deixa Montag híbrido entre as tecnologias dos leitores contemplativo e movente, misturado nas imagens televisivas e nas interferências dos escritos urbanos expostos nos outdoors das cidades - em paralelo, à vida mais nômade da floresta, em que o tempo passa a emergir dos livros memorizados, corporificados. Santaella (2007) lembra que o conhecimento encontra suas possibilidades de hibridizar a ciência com a arte, com a mesma fluidez com que as linguagens se engendram mutuamente.

Desde a invenção da fotografia no século XIX, o mundo foi cada vez mais se povoando de imagens. As películas fotofílmicas, as publicidades de rua e as impressas em jornais e revistas e nas telas eletrônicas levaram a proliferação de imagens a tal extremo que a soberania do texto verbal escrito, a hegemonia do livro com meio de transmissão da cultura e do saber, sustentadas desde a invenção de Gutenberg, pareciam para sempre perdidas. Embora não se possa negar que a quantidade de textos produzidos no século XX seja imensa, os meios de impressão não podem competir com o plano espetacularizado das imagens. Por isso mesmo, para muitos, o século XX foi o século das imagens de proeminência dos meios audiovisuais. (SANTAELLA, 2007, p. 299).

Ademais, “*Fahrenheit 451*” deixa algumas lições, uma obra escrita nos anos cinquenta, sob o fascínio do audiovisual. A interface da experiência de leitura contemplativa para o “empacotado da televisão” não deixa de ser uma crítica ao que está por vir, mas também, existe uma preocupação social na narrativa. A comunidade dos itinerantes não deixa de ser uma representação daqueles que não se encaixam, ou que sofrem algum tipo de exclusão social, portanto, vivendo à margem do que é colocado enquanto regra normativa. Bradbury (2012) apontava para uma ascendente política representativa que contemplasse as minorias, uma característica mais atual norte americana. A ruptura sofrida pelo personagem

principal descreve esta tentativa de redirecionar a vida cotidiana para algo menos imposto. Referente àquilo que Santaella (2007) adverte de que não é suficiente acessar as inovações, mas apropriar-se delas - para Montag, os livros significava essa travessia, o ativismo de apossar dos exemplares escondidos defronte à possibilidade de engendrar uma nova sociedade, livre e inclusiva.

ANÁLISE DA OBRA EM OUTRAS MÍDIAS - SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Fahrenheit 451 (2018)

Durante os quase 70 anos que se passaram desde o lançamento do livro, várias releituras da obra foram lançadas em outros formatos de mídia, alguns menos e outros mais fiéis com a história original. Uma das adaptações é o filme de mesmo nome do livro, Fahrenheit 451, lançado em 19 de maio de 2018. Dirigido por Ramin Bahrani e protagonizado por atores conhecidos como; Michael B. Jordan e Michael Shannon, o longa traz a história de Montag, um jovem bombeiro que vive em uma sociedade futurista distópica onde seu trabalho é queimar livros.

O filme começa com Montag tendo lampejos de sua infância, e lembrando de seu pai. O filme então nos transporta para o quartel de bombeiros onde acompanhamos um treino de luta de Guy Montag (interpretado por Michael B. Jordan) e Capitão John Beatty (interpretado por Michael Shannon) após a luta, o filme nos leva a uma cena onde os bombeiros dão uma espécie de palestra para crianças, onde contextualizam os motivos que tornam os livros proibidos, e em como as crianças devem agir ao encontrar algum. A sirene toca e os bombeiros saem a campo e, ao chegar, vão ao encontro de um grupo de leitores, que possuem um grande esquema de publicação de livros online e em computadores. Durante o encontro Montag tem a missão de destruir um dos servidores que estava publicando os livros, porém ele hesita por alguns segundos, logo sendo repreendido por Beatty para o fazer logo.

Os então chamados “eels” ou em português “enguia” que foram anteriormente apanhados, têm então sua punição: digitais queimadas, impossibilitando então que tenham alguma espécie de vida na sociedade. Tudo é televisionado, Montag é como uma espécie de PopStar, que tem fãs que em tempo real demonstram sua admiração. Após o espetáculo, Montag e Beatty, já no quartel, se dirigem a uma espécie de centro de realidade virtual, onde encontram Clarice McClellan, uma “eel” que em troca de ter sua pena reduzida, dá

informações para o chefe dos bombeiros. É mostrado que Clarice também faz outras trocas com outras pessoas. Com as informações que adquiriram, Beatty e Montag chegam a uma loja de terno, em que escondido, encontram um esquema de gravação, em que um senhor, juntamente com um jovem, gravavam um vídeo contando sobre como o mundo era na época em que os livros não eram proibidos. Beatty então confronta o senhor, e o mesmo responde dizendo que em sua época os bombeiros apagavam fogo, não acendiam. Isso deixa Beatty furioso, que retruca citando Benjamin Franklin, e dizendo que ele os deu o direito de queimar. Quando o velho confronta a mentira, o capitão então diz que, quando a geração do idoso se for, ninguém mais se importará com suas palavras e lembranças. Todas essas interações fazem com que Montag tenha uma pulga atrás da orelha, e chegando em casa, pergunta a sua assistente robótica (quase como uma Alexia dos dias atuais) se os bombeiros alguma vez apagaram fogo.

Em contraponto somos levados até a residência de Beatty, que se mostra na verdade muito intelectual, escrevendo partes de livros em folhas de papel de seda, e logo em seguida as queimando.

Logo após todas as dualidades, o filme nos mostra os bombeiros chegando a uma grande casa no meio da floresta, lá eles encontram uma mulher idosa lendo livros, e uma biblioteca enorme, o que seria até aquele momento o maior acervo que eles já queimaram. Montag então conversa com Beatty, que explica que os livros só fazem os homens se sentirem infelizes. Porém, mesmo após o papo, Montag decide salvar um livro e levá-lo consigo. Seguindo o protocolo da queima, algo foge do comum, a senhora decide ficar ali, e ser queimada junto com os livros, toda a cena foi televisionada para o país, cena esta que deixou Montag completamente perplexo.

Ao chegar em casa, Guy Montag começa a ler o livro que roubara, e decide então sair para procurar Clarisse McClellan, que questiona o que ele está fazendo ali. Após uma breve conversa, ela o leva até sua casa, ela lê um pouco do livro para ele, e o ensina a tocar gaita.

Então somos transportados para uma cena do Cap. Beatty conversando com seus superiores, sobre uma espécie de revolta dos eels, o Omni, o então superior dá uma ordem para caçar esse tal projeto, e queimar tudo. Ao chegar no quartel, Montag novamente tem lampejos da sua infância, dessa vez ele se lembra de seu pai lhe dando um livro para ler. Após isso somos contextualizados sobre o que é o projeto Omni, o projeto consiste em transformar pedaços de DNA em um aparato de todo o conhecimento humano, para ser mais fácil de difundir-lo por aí, e se for liberado, não terá como para-lo. Então começa a grande operação de

“colocar fogo em toda a cidade”, os bombeiros saem pela cidade fazendo várias batidas atrás de informações sobre o projeto, e queimando os lugares frequentados por eels. Montag em meio a operação se lembra do tempo que passou junto com Clarisse, o que aumenta ainda mais sua dualidade. Quando os bombeiros chegam no lugar onde Clarisse estava, Montag decide então “trair” os bombeiros e ajuda Clarisse a fugir de lá. Após a fuga, ela faz as malas e diz que vai para uma espécie de comunidade escondida, e nesse momento, rola o primeiro beijo do casal.

Ao decorrer das operações é possível notar que Guy está cada vez mais se questionando sobre o que está fazendo, em uma delas, tenta enganar Beatty e deixa duas pessoas passarem pela revista, porém o capitão vê, o que planta uma dúvida se Montag realmente está com eles. Quando o pai e a filha são capturados, Montag tem uma lembrança de seu próprio pai sendo tirado de sua casa algemado e apanhado dos bombeiros. Ao chegar no quartel, Cap. Beatty questiona os motivos de Guy ter hesitado, Montag diz não saber, e tenta se desvincular dos bombeiros, porém John não aceita sua dispensa. Montag revela seus motivos, dizendo ter coisas na sua cabeça que precisam de respostas, Beatty então diz que, caso decida sair do corpo de bombeiros, ele o reportará e o mesmo será condenado por traição, Beatty então manda Montag para casa, e diz para descansar antes de tomar uma decisão.

No caminho para casa Montag é interceptado por Clarisse e seus amigos, que o chamam para ir a tal comunidade escondida. O que Montag não sabia é que o bombeiro Douglas acabou vendo toda a cena, e denunciando isso ao capitão. Ao chegar na comunidade ele é questionado se realmente é um aliado, e é atribuído a missão de assassinar um outro bombeiro que estaria sendo refém deles, Montag então vai até lá para cumprir a missão, mas é parado pelas pessoas da comunidade, pois tudo era apenas um teste de lealdade. Após passar no teste, Montag é contextualizado sobre como funciona a comunidade e sobre o Omni que foi feito em cima do DNA de um passarinho chamado Lenny, então sua verdadeira missão é dada, pegar um transponder (uma ferramenta que transmite um sinal) dos bombeiros, e levar para a comunidade, com essa ferramenta os cientistas do Canadá seriam capazes de chamar o pássaro para lá, pegar seu DNA e multiplicá-lo para cobrir o mundo.

Ao regressar ao quartel, Montag pega o transponder, mas em seguida é interceptado por Beatty, que questiona se o mesmo está pronto para voltar ao serviço e queimar. Montag mente e diz que sim, então ambos vão atender a ocorrência. O que Guy não sabia era que a ocorrência na verdade era em sua própria casa, e chegando lá, ele é obrigado a queimá-la,

junto com livros que aparentemente foram plantados para o incriminar. Montag então bota fogo em tudo, e após isso, Beatty queima as digitais de Montag, diz que ele será preso, e dá a ordem para Douglas de caçar as outras eels e Clarisse. Ao escutar isso, Montag enfrenta um dos bombeiros e rouba sua arma lança chamas, apontando para Douglas. Beatty fica o tempo todo manipulando Montag, e dizendo para que ele queime seu ex-companheiro, e Montag o faz, matando assim Douglas na frente de todos, inclusive da televisão. Após matar o bombeiro, Montag começa uma fuga junto de Clarisse para a comunidade, porém os bombeiros vão logo atrás, utilizando o sinal do transponder. Ao chegar lá, começam a queimar tudo, inclusive o celeiro onde está Lenny. Montag vai até lá, e coloca o transponder no passarinho, mesmo que Beatty estivesse com a arma apontada para ele dizendo para não o fazer. Montag então solta a ave, que consegue sair do celeiro, porém Beatty aperta o gatilho e utiliza o lança-chamas contra Montag. Não é possível ver o fogo atingindo Guy, apenas a claridade de seu rosto aumentando. A cena final mostra o pássaro voando até encontrar uma revoada que parece dançar ao som de uma melodia.

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: FAHRENHEIT 451 (1953 - LIVRO) E FAHRENHEIT 451 (2018 - FILME)

O filme, como é de se esperar, possui conceitos pré estabelecidos pela obra original, como a ideia principal, que é a de uma sociedade futurista distópica, onde ler e ter livros é proibido. Porém faltam inúmeros detalhes e nuances que estão presentes no livro.

Podemos começar citando os personagens. No filme, temos a ausência de Mildred, esposa de Montag, que tem um papel fundamental na trama, já que ela é um dos motivos da infelicidade de Montag, é ela quem o denuncia ao corpo de bombeiros e é ela com quem ele passou muitos anos de sua vida. Também é notável a ausência do professor Faber, que é quem ajuda Montag a se tornar um homem mais questionador e culto, eles acabam virando amigos, e Faber ajuda Montag em sua fuga até a comunidade dos homens livro, ensinando-o o caminho pela linha férrea. Os personagens que já conhecemos (Montag, Clarisse McClellan e Cap. John Beatty), têm personalidades um tanto quanto diferentes das apresentadas no livro. Montag se mostrava um homem depressivo, e sem muita perspectiva de vida, mas isso mudou quando conheceu Clarisse, que o ensinou a olhar o mundo de outra forma. No filme essa relação é diferente, pois Clarisse não é mais uma jovem de 16 anos, mas sim uma mulher adulta, que em determinado momento do filme se torna o par romântico de Montag. A relação

dos dois não é mais apenas de amizade, ou de alguém que quer ajudar o outro a pensar, em uma sociedade onde isto se tornou raridade, mas sim de um casal romântico genérico. Já Beatty é um caso interessante, sua representação é até que bem fiel com o livro, e ele é ainda mais aprofundado no filme. Vemos um homem forte, mas que também já teve/tem dualidades quanto aos livros, nos é mostrado inclusive que ele tem o costume de escrever citações/partes de livros e depois queimá-los. Isso nos mostra a intelectualidade do personagem. Inúmeras cenas do livro faltam no filme, o que é de se esperar, já que é quase impossível fazer uma adaptação 100% fiel, porém o filme peca em algumas narrativas que seriam importantes para a construção do enredo e do personagem principal.

O filme também não possui a figura do Sabujo, uma espécie de animal robótico feito exclusivamente para caçar os portadores de livro. O Sabujo que inclusive teve um papel de destaque na última parte do livro, onde perseguiu Guy Montag após o mesmo matar o capitão Beatty.

Uma das cenas mais emblemáticas do livro é adaptada de uma maneira excelente no filme, a cena da morte da mulher idosa que se queimou junto com seus livros. Ela acontece exatamente da mesma forma que no livro, a única diferença é a forma como os bombeiros chegaram em sua casa (por meio da informação de Clarisse).

O filme trabalha alguns mesmos conceitos de maneiras diferentes. Montag não foi denunciado por sua esposa Mildred, mas sim por Douglas, um dos bombeiros que trabalhava com ele. Guy não mata o capitão dos bombeiros Beatty, e sim Douglas seu ex-companheiro. As “paredes” que eram dispositivos implantados nas casas do livro, agora deram lugar a telas semelhantes a projetores holográficos. A comunidade dos homem livro (os intelectuais exilados que memorizavam os livros na tentativa de salvar o conhecimento), deu lugar a outra comunidade, que possuía um membro capaz de memorizar livros, e nesta mesma comunidade foi criado o pássaro geneticamente modificado com o conhecimento dos livros (o projeto Omni).

Porém as principais diferenças são: Clarisse McClellan não morre no filme, e Montag morre no final. Isso descaracteriza totalmente a obra, pois grande parte da mudança sofrida por Guy, veio justamente do fato de Clarisse morrer subitamente. Isso deixa Montag completamente transtornado, fazendo com que ele se interesse ainda mais sobre o saber. A morte de Montag no filme pode representar uma redenção para o personagem, mas deixa completamente em aberto o destino de todos os outros que sobreviveram. Isso sem contar que,

diferentemente do livro, não existe guerra no filme, logo, não existem bombas que destroem a cidade, e Montag não se torna um andarilho junto da comunidade dos homens livro.

Fahrenheit 451 (1966)

A versão cinematográfica de Fahrenheit 451 de 1966 foi dirigida por François Truffaut, com Julie Francis Christie interpretando tanto Clarisse, uma jovem bastante interessada por livros, quanto Linda, esposa de Guy Montag, protagonista interpretado por Oscar Werner. Essa versão do filme trata-se de uma realidade distópica, bastante fidedigna ao livro neste sentido, mas com algumas alterações no enredo e nos personagens; poderíamos dizer, sem sombra de dúvidas, que trata-se de uma adaptação. Mas uma boa adaptação.

O filme inicia-se com a tropa de bombeiros atendendo a uma denúncia de chamada que havia exposto um rapaz que continha livros em sua residência, o rapaz é avisado antes por algum amigo que sabia da situação e, então, ele foge. Ao chegarem à casa dele os bombeiros encontram uma porção de livros que são todos incinerados a uma temperatura de 451 C°, que é a temperatura dos lança-chamas utilizados pelos bombeiros na repressão aos possuidores de livros. Segundo o capitão da corporação, interpretado por Cyril Cusack, *“possuir livros é uma perversidade”*. E como é de se considerar numa sociedade minimamente repressiva, as leis estão acima da vontade popular. Durante suas idas e vindas aos trabalho de bombeiros, uniformizado, Montag é interpelado pela jovem Clarisse, que diz serem eles vizinhos. Montag explica a ela que o símbolo e o número 451 no uniforme refere-se à temperatura em que os livros são queimados. Montag diz ser um trabalho comum o que ele faz e cita alguns nomes de escritores que são queimados durante a semana Segundo ele o lema da corporação é: *“nós queimamos até ficar as cinzas, depois queimamos as cinzas”*; tamanha ojeriza por essa sociedade e instituição em relação aos livros. E prossegue Montag a Clarisse: *“livros são lixo, não contém nada de interessante”*; e ainda: *“ler livros é proibido porque deixa as pessoas infelizes”*. Para esta sociedade os livros perturbam as pessoas e as deixam antissociais. Clarisse pergunta a Montag se ele é feliz e diz ser claro que ele é feliz. Chegando em casa percebemos Linda, esposa de Montag assistindo uma televisão, cujo conteúdo é completamente alienante e impeditivo de que as pessoas pensem por si próprias. Uma parte pitoresca dessa relação com a televisão ocorre quando um programa interage com Linda fazendo perguntas; é uma parte perturbadora.

As pessoas nessa sociedade tomam algumas pílulas que faz com que percam a memória e fiquem anestesiadas. Montag diz a Linda que irá ser promovido e ela fica radiante.

Montag já era professor do curso de formação dos bombeiros incendiários, que é uma instituição e uma patrulha bastante rigorosa. Durante as cenas dentro do quartel, onde Montag dava aula para os bombeiros, diz seu superior ao protagonista Montag: “*Mantenha-os ocupados e eles ficarão contentes. É isso que interessa*”. Montag chega em casa após um dia de trabalho e, quando chega em casa, percebe que Linda está caída no chão e vê o pote com as pílulas. Ela teve uma espécie de overdose. Montag liga para a ambulância e os médicos fazem os procedimentos necessários, dizem que ela ficará bem e não se lembrará de nada no dia seguinte, e foi o que aconteceu. Em uma cena posterior, uma espécie de “patrulha da limpeza”, corta a contragosto de um rapaz o seu cabelo e este fato é transmitido pela T.V., que é uma espécie de veículo de alienação. Cenas um pouco mais adiante revelam que Montag tem guardado um livro de Charles Dickens.

A certa altura do filme Montag começa a passar noites lendo, ele tem uma porção de livros guardados. Sua esposa descobre seus livros e vai tirar satisfação com Montag, ele diz: “*you pass the day in front of your family! This is my family!* No dia seguinte de trabalho os bombeiros vão até uma casa que tem uma biblioteca secreta com inúmeros livros. Os bombeiros jogam todos os livros na sala da casa, jogam uma espécie de querosene nos livros e a própria dona da casa risca um fósforo e queima junto com os livros, este é um momento muito marcante do filme, porque ela se recusa a deixar sua casa por conta dos livros e escolhe morrer ao lado deles. Montag demora a sair. Ao chegar em casa depara-se com amigas de Linda; as chama de zumbis e lê um livro a elas. Uma das amigas começa a chorar. Montag fica obcecado pelas leituras e questiona, até mesmo, sua promoção profissional sugerida pelo seu superior nos bombeiros. Linda pede para Montag escolher entre ela e os livros, ele diz não saber. O tio de Clarisse é preso e ela passa a ser procurada. Clarisse comenta com Montag sobre as *peessoas-livro*. São pessoas que vivem em comunidades e se comprometem a memorizar um livro e, então, tornam-se uma pessoa-livro. Uma forma de resistência intelectual. Linda denuncia seu próprio marido Montag. Ele é obrigado a queimar os livros de sua própria casa, mas surta, queima o próprio superior, espantando os outros bombeiros. Montag foge e caminha bastante por um trilho de trem até encontrar com a comunidade das pessoas-livro. E ele acaba-se tornando um livro vivo de Edgar Allan Poe.

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: FAHRENHEIT 451 (1953 - LIVRO) E FAHRENHEIT 451 (1966 - FILME)

Existem algumas diferenças importantes entre o filme de Truffaut e o Livro. A esposa de Montag, por exemplo, no livro chama-se Mildred, já no filme chama-se Linda. Talvez por uma forte influência anglo-saxônica da obra do diretor francês. Montag também não morre nesse filme. Também não temos a figura do professor Faber que estimula, no livro, um olhar crítico de Montag com relação a sua função e, até mesmo, as questões éticas de seu trabalho. É um momento bastante romântico e épico. O filme não trata de uma maneira profunda sobre a vida particular de Montag antes de sua relação com Linda, onde existe a figura de seu pai. O livro é muito mais pormenorizado, existem personagens e metáforas que não existem no filme do diretor francês. Por isso, trata-se de uma adaptação, mas que não deixa de ser uma interessante adaptação. O símbolo da salamandra não é desenvolvido no filme como o é no livro. No livro a trama é mais desenvolvida, existem mais situações, mais personagens, mas no filme, a espinha dorsal está ali, dá para se ter uma bela incursão no universo distópico de Bradbury a relação contraditória com sua esposa e os livros dentro de casa e, questionar, inclusive nos nossos tempos atuais o papel da informação e da leitura numa sociedade midiática que é a que vivemos contemporaneamente. Nesta versão também não temos a figura do Sabujo. No entanto, no filme acontece também de Montag matar seu superior num surto com o lança chamas, e é aqui onde ele se rebela contra o sistema de bombeiros, e já depois de uma forte crise existencial, passa a querer viver não em função de uma vida mecânica e controlada, dentro de rotinas e afazeres metódicos. No filme ele foge para uma das comunidades das pessoas-livros e torna-se um deles.

METODOLOGIA DE PRODUÇÃO E FORMATO DA MÍDIA RESENHA

Trailer

Utilizando cortes do filme Fahrenheit 451 de 1966 e Fahrenheit 451 de 2018, o grupo optou por fazer um trailer mesclando as duas obras. O trailer conta com imagens de ambos os filmes e também fotos tiradas pelos próprios membros do grupo. A trilha sonora fica por conta da música Cat People, de David Bowie.

Instagram

O grupo decidiu por consolidar dois produtos midiáticos e o segundo deles foi o perfil na rede social Instagram, com acesso por @tcce.fahrenheit451 ou através do link: <https://instagram.com/tcce.fahrenheit451?igshid=YmMyMTA2M2Y=> . A ideia por trás da

criação do perfil é encurtar e facilitar a comunicação entre os usuários brasileiros, hoje fortes consumidores da rede social, e o conteúdo do livro atrelado à obra de Santaella. Segue abaixo as publicações feitas até o momento:

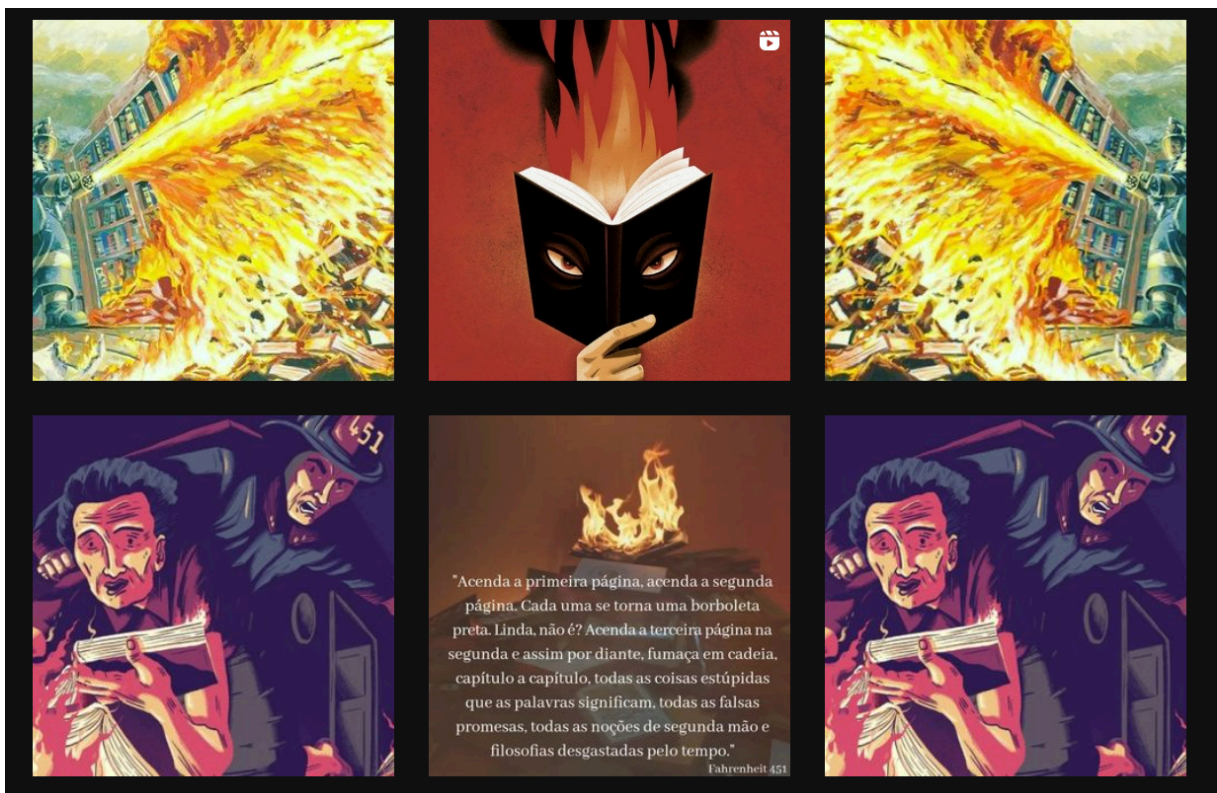


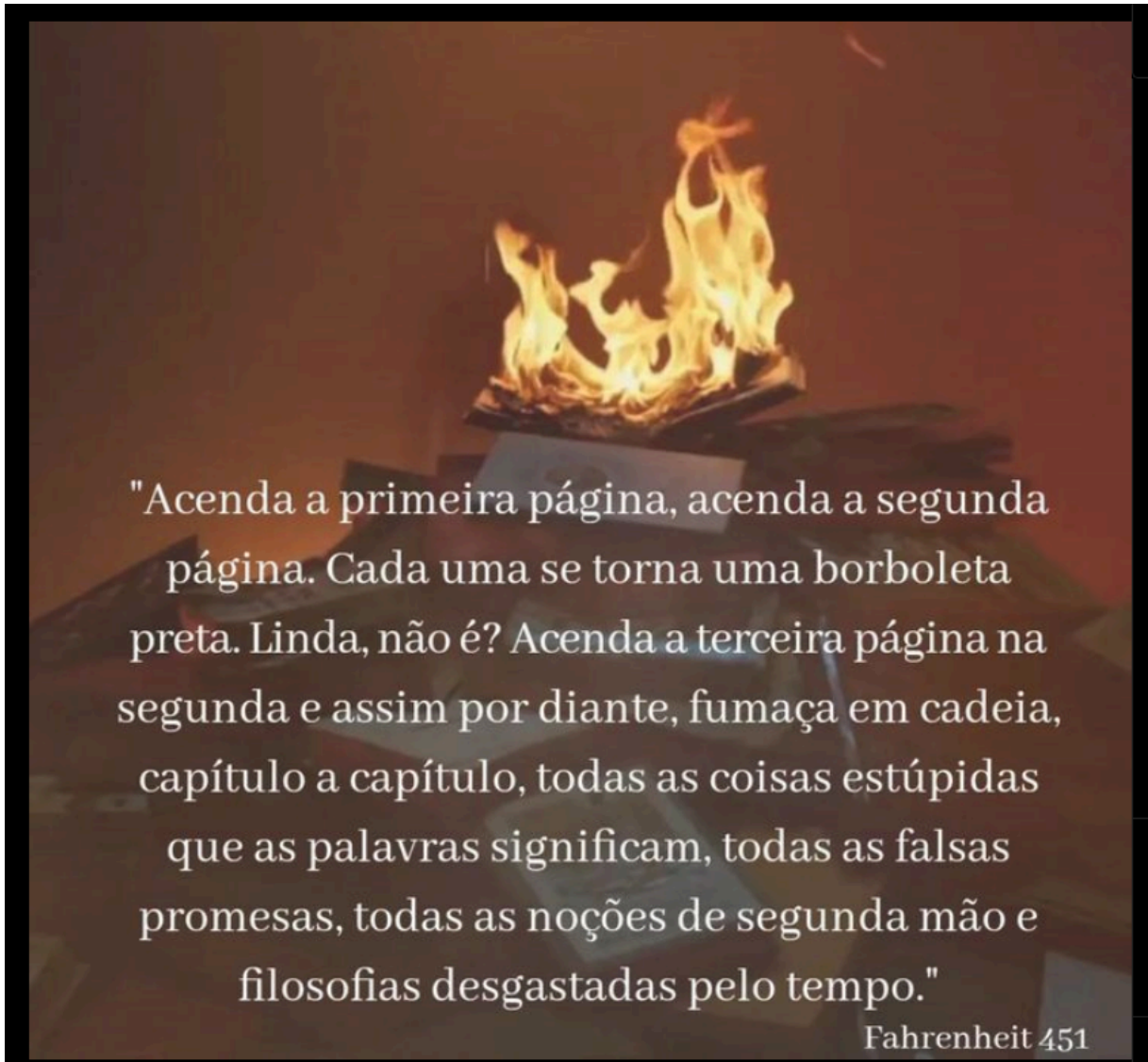
tcce.fahrenheit451

Seguindo ▾ Enviar mensagem +👤 ...

6 publicações 5 seguidores 3 seguindo

Mídia Resenha - Fahrenheit 451
 Trabalho desenvolvido para a disciplina Tecnologias Contemporâneas de Comunicação e Educação do curso de Jornalismo-UFU
 Seguido(a) por mark.fsf





REFERÊNCIAS

BRADBURY, R. **Fahrenheit 45**: a temperatura na qual o papel fogo e queima do livro pega fogo e queima. 2ª Edição, São Paulo: Editora Globo, 2012.

FRANCO, A. P.; TONUS, M. Leitura e produção de mídias-resenhas na apropriação de conceitos envolvidos nas tecnologias contemporâneas de comunicação e educação por estudantes de Jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino do Jornalismo – REBEJ**. Brasília, v. 6, n. 19, p. 191-203, jul./dez. 2016. Disponível em:

<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/473/288>. Acesso em: 4, jan., 2023.

SANTELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo, Editora Paulus, 2013.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007

SILVA, T. T. Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. In: **VI Simpósio Internacional Lavits**, 2019, Salvador.